

MICHEL LAUB

A maçã envenenada

Este livro foi selecionado pelo programa Petrobras Cultural



Copyright © 2013 by Michel Laub

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa v. Randow

Foto de capa

Endfest, Kitsap, WA. 1991/ Charles Peterson

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Márcia Moura

Ana Maria Barbosa

Alguns personagens e fatos deste livro são baseados em personagens e fatos reais, mas possuem autonomia ficcional e não emitem opinião sobre nenhuma situação concreta. Alguns fatos, falas, citações e acontecimentos históricos foram alterados no todo ou em parte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laub, Michel

A maçã envenenada / Michel Laub. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2311-7

1. Romance brasileiro I. Título.

13-07704

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira

869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

QUE SORTE TER ENCONTRADO VOCÊ

1.

Um suicídio muda tudo o que seu autor disse, cantou ou escreveu. Para milhões de fãs do Nirvana, banda que o levou a ser chamado de porta-voz de uma geração, Kurt Cobain não é a infância em Aberdeen, o início da carreira em Seattle, o estrelato precoce que acabaria mudando a história da música com o disco *Nevermind*, nem o álcool e as drogas e a espiral de desespero acompanhada reiteradamente pela mídia, incluindo o casamento tumultuado com a cantora Courtney Love e o nascimento de sua única filha, Frances Bean. Ou é isso tudo, mas apenas como conjunto de sintomas, um espelho que aponta por meio de letras e versões desencontradas para uma cena nunca esclarecida, Lake Washington, abril de 1994, horas ou dias antes de um electricista descobrir seu corpo com um tiro de espingarda na cabeça.

2.

Para mim, Kurt Cobain sempre será o homem que subiu ao palco do Morumbi, em 1993, para o que mais tarde chamaria de pior show da carreira do Nirvana. Na época eu morava em Porto Alegre, tinha dezoito anos e estava no quartel: a primeira guarda, as primeiras recomendações do pernoite, eu de pé numa quinta-feira em frente a um sargento gordo que falava dos cuidados com o fuzil. Ele não conseguia dizer a palavra *senha*, dizia *sanha*, e qual é o procedimento correto? Ele mesmo respondia: alto lá e pedir a *sanha*.

Eu estava no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, o CPOR, o quartel dos universitários que escaparam de limpar estrume numa unidade de cavalaria ou apanhar de sabonete na Polícia do Exército. Não fazia muita diferença: eu também me submetia às ordens do sargento gordo, e não importava que fosse chamado de aluno em vez de soldado, tivesse aulas de sociologia com um major do *Guerra na Selva*, assistisse a palestras sobre doenças venéreas e orçamento da União. Não importava a ditadura de 1964 a 1985, nem o impeachment de Collor em 1992, nem que a vida militar brasileira não despertasse mais o interesse de ninguém, menos ainda de quem morava com os pais e tinha uma guitarra e fazia parte de uma banda como eu, porque todas as manhãs era preciso estar de uniforme às sete, corneta, balde e vassoura, e o nome técnico para a retirada da hera da quadra de basquete é *cri-cri*.

3.

Acabei no CPOR porque um major amigo da família disse que meu nome estaria numa lista de dispensas do quartel de

triagem. Mas ao chegar lá um cabo perguntou endereço, data de nascimento e se eu fazia faculdade. Direito. Onde? Na Federal. Eu tinha acabado o segundo semestre e fazia estágio num escritório de advocacia não muito longe dali, para onde pretendia ir depois de pegar o certificado de dispensa e fazer hora num café do mercado público. Já estava até planejado, eu já sabia até a fita que ouviria no walkman para comemorar, mas o cabo procurou o nome na lista e riu e deu a resposta que todo cabo sonha dar para um estudante de camisa social e pasta de couro e fone no pescoço: então vai trancar a matrícula.

A fita era uma gravação de *Nevermind*. Nos últimos vinte anos é possível que eu tenha ouvido esse disco centenas, talvez milhares de vezes, e é como se em todas elas pudesse evocar 1993: a saída do quartel de triagem, a umidade e a sujeira do verão em Porto Alegre, o barulho dos ônibus e uma grávida que carregava um saco de lixo e era seguida por uma fila de cachorros enquanto eu olhava para o documento informando que a partir dali eu estaria sob jurisdição do Regulamento Disciplinar do Exército. Meu pelotão era o sexto, comandado pelo tenente Pires. Eram cinco colunas de seis, os mais altos à testa, os do fundo cobertos e alinhados tendo como referência a nuca do companheiro da frente. Trinta alunos, e com nenhum deles mantive contato. De nenhum eu tenho uma fotografia. Eu não sei se algum ainda vive em Porto Alegre, se teve filhos, se está vivo. Eu talvez não lembrasse de nada que aconteceu com eles além do folclore militar comum, o pelotão aprendendo a marchar, a fazer os movimentos com arma, a cantar no ritmo do passo direito enquanto a companhia desfila para o palco dos oficiais, não fosse uma história que começa com a vinda de Kurt Cobain para São Paulo.

Na verdade, é uma história que começa antes, na noite em que conheci Valéria. Eu estava num bar da Independência, um lugar com escada de lata e paredes de suor condensado. Ela tinha a minha idade, a mãe morreu quando ela tinha quatro anos, o pai pagava para ela o aluguel de um quarto e sala a dois quarteirões dali, mas isso eu fiquei sabendo depois porque a primeira conversa foi objetiva: me disseram que você tem uma banda e está procurando uma cantora, alguém que suba lá e mande todo mundo se foder.

Eu olhei para ela: tatuagens antes de isso estar tão na moda, ela viu o meu copo e falei, gosta de vodca ruim? Sou masoquista, ela respondeu. Eu perguntei de quantas bandas ela tinha participado. Ela perguntou que tipo de música eu ouvia. Eu pedi outra dose, ela falou é nosso primeiro drinque juntos, aproveite porque pode ser o ápice, daqui para a frente é um caminho sem volta, e fui reparando na boca e nos cabelos e na maneira como ela mexia os ombros e os quadris e quando me dei conta ela estava encostada em mim.

No apartamento de Valéria havia uma estante com fitas cassete, nomes de bandas desenhados em esferográfica, variações de caracteres quadrados e fontes com sombra e símbolos góticos e pontas imitando raios. Também havia um gato e um pôster de Kurt Cobain. A sala era um sofá puído e uma geladeira reformada que servia para guardar livros. Tenho gosto de velha para decoração, ela falou. Você gosta de coisa velha? Já trepou com uma pessoa mais velha? Eu tenho a sua idade, mas décadas a mais que você.

Como todo mundo nos anos 1990, Valéria cantava gritando. A banda também não era muito original, arranjos que alternavam leveza e peso, melodia e distorção, bases magras de baixo e bateria e a guitarra estourando com as três cordas graves nos refrões. Se você

pegar os elementos básicos de *Nevermind*, os acordes maiores, os dedilhados e trivelas, as modulações de batidas e pausas e vocais reiterando as marteladas, tem todos os recursos das músicas que tocamos naqueles primeiros ensaios. Só que Valéria tinha uma certa doçura, mesmo que limitada à performance ao microfone, e já na primeira vez que a ouvi me dei conta de que isso faria diferença.

Entre a noite no bar da Independência e a vinda do Nirvana a São Paulo foram onze meses. Comparar o dia anterior ao primeiro encontro com Valéria e o posterior ao show é como falar de tempos diversos, mundos contrários entre si. De Valéria eu também não guardei fotos, nem uma peça de roupa, nem uma fita com alguma música da banda, mas é como se ela continuasse com dezoito anos num presente eterno, e cada vez que vejo os vídeos do Morumbi eu sei que ela está lá, nas trevas entre as primeiras filas, logo adiante de onde filmaram a entrada de Kurt Cobain em meio à luz azul.

5.

O Nirvana era a principal atração do Hollywood Rock, fechando a noite de sábado depois de apresentações de Dr. Sin, Engenheiros do Hawaii e L7. Kurt Cobain se hospedou com Courtney Love no Maksoud. Há uma reportagem em que João Gordo relata como foi a noite em que acompanhou o casal. Courtney Love teve uma crise de ciúmes e deu trezentos dólares para um travesti na Amaral Gurgel. Kurt Cobain ofereceu uma ampola quando a namorada de João Gordo se queixou de dor de estômago. A ampola foi guardada como troféu, o repórter mandou-a para um laboratório e descobriu se tratar de um remédio para dependência de heroína.

Durante o show Kurt Cobain gritou, chorou, gemeu, reclamou, interrompeu vários inícios de música, cuspiu e esfregou a calça nas câmeras. Também furou um amplificador com o braço da guitarra e caiu no palco. No final, saiu engatinhando. Um crítico definiu a apresentação como *longa, abusada e displicente*. E considerou o momento mais representativo do festival a cena em que o cantor, *entre o desespero e a maldição*, destruiu todos os instrumentos *quase delicadamente, sob o silêncio da plateia e das estrelas*.

6.

Na semana do Hollywood Rock, ninguém no CPOR falou sobre Kurt Cobain. O assunto era a noite de quinta, a primeira que passaríamos num esquema de guarda em três horários, quatro horas de descanso para cada duas cuidando dos postos: portão, reforço, morro, lateral e paiol. O homem do paiol cobre uma área grande de mato cheio de capivaras, e o sargento gordo falou sobre isso na preleção: não vão atirar por qualquer barulho, o bichinho não tem culpa de andar por aí sem saber a *sanha*.

Durante o ano um aluno do CPOR aprende a atirar com Fuzil Automático Leve, o FAL, e com pistola 9 milímetros. Nas instruções se treinam fundamentos, precisão e normas de segurança. Os fundamentos são a maneira como se posiciona o corpo, o encaixe no ombro, a leveza do dedo no gatilho até que se sinta o coice da arma como um susto. A precisão é relativa à alça de mira, e uma boa sessão significa que as marcas de projéteis estejam próximas umas das outras mais que do centro do alvo. As normas de segurança

incluem o carregamento, a tranca, as autorizações e o protocolo em caso de falha na arma ou companheiro atingido.

Quem dava as instruções de tiro era o tenente Pires. Nos exercícios de campo, o comando das patrulhas era sempre de um oficial. Um sargento gordo no máximo passa o dia numa escrivaninha do material bélico. No máximo faz barganhas com alunos que esqueceram de devolver os cartuchos, uma anotação a menos no caderno de faltas em troca de um saco de erva-mate e um quindim. Na sala dele há um calendário, um rolo de durex, uma cuia com o distintivo do Grêmio feito no pirógrafo, mas na noite da primeira guarda tudo se transforma: a preleção é feita em tom de autoridade, por um vulto que caminha com as mãos para trás como se estivesse num interrogatório. Não quero alteração hoje, o sargento disse. Não saí de casa para lidar com mocosorongo. Aluno safo é aluno moita. Não me obriguem a cagar a vida de ninguém.

7.

Alguém já disse que a justiça militar está para a justiça como a música militar está para a música. A vida de quem está no quartel é ser punido: não há quem não tenha pagado pelos colegas, um pelotão inteiro que é posto para carregar pedra porque um aluno está com a calça sem vinco, uma companhia inteira que faz duzentos abdominais no barro porque alguém não tomou vacina. Quando se está de guarda isso é ainda mais fácil de acontecer, qualquer anotação é registrada no Boletim Interno, então a primeira sorte que se pode ter é em relação aos companheiros de serviço.

Um dos meus companheiros aquela noite se chamava Diogo. Era o que mais falava no banco da guarita. Ele passou o turno

explicando como falsificar uma carteira de estudante, como dar um soco sem machucar o pulso, como abrir um carro usando um prego e um barbante e não dá nada porque PM é tudo putão, mas depois que ouvimos a preleção do sargento Diogo não contou mais nenhuma história. Eu não ouvi mais nenhuma palavra dele. Nós fomos dispersos pelo adjunto, pegamos as canecas e fomos para a ceia, ele ficou na mesa ao lado e passamos a refeição evitando olhar um para o outro. Acabamos por volta de nove e meia, voltamos para o alojamento, então o cabo da guarda comandou a coluna que rendeu o turno das dez.

O primeiro horário é razoável comparado com os demais. Dá para dormir três horas seguidas durante a noite. Mais que no segundo, que monta sentinela das duas às quatro e às cinco está de pé para a faxina, e o terceiro, que pega o auge do frio e da neblina no inverno. Durante a guarda os alunos ouvem música, bebem, dormem abraçados ao fuzil, e uma vez um cavalariano foi pego com um exemplar da revista de fotos *Sodomia*, mas naquela primeira noite eu passei o turno tentando me concentrar, pensando no que poderia e deveria fazer nos dias seguintes.

Uma das alternativas era sair do quartel na sexta, pegar um avião no sábado de manhã e chegar a Guarulhos na hora do almoço. Eu teria de atravessar a cidade até o Morumbi, mas isso não era problema. Eu teria que deixar a mochila em algum lugar, mas isso também se resolve. Eu teria de encontrar Valéria em meio à multidão, noventa mil pessoas de camisa de flanela e o cavanhaque de Kurt Cobain, mas até isso eu daria um jeito de fazer. O problema é que antes, por causa de Diogo e do sargento gordo, e era esta a dúvida que eu tinha no paiol, o mais provável é que eu estivesse preso.

8.

Ou então a história começa em outro lugar, numa rua de terra onde há galinhas, vacas, um caminhão-pipa, barracas de doces. Aos poucos a paisagem muda, à direita da estrada dá para ver plantações, íbis e garçotas, hipopótamos e revoadas de pássaros e antílopes e porcos selvagens até que surge a imensidão do pântano — o lodo em meio à cerração, as horas com os joelhos embaixo d'água e as caminhadas à noite para encontrar comida, os primeiros raios de sol e homens ao longe bebendo e rindo e cortando os galhos como se corta qualquer coisa com um facão.

9.

Em abril de 1994, a estudante de engenharia Immaculée Ilibagiza juntou com a família em Mataba, Ruanda. Estavam à mesa o pai, a mãe, o irmão e um amigo que tinha chegado para os feriados de Páscoa. A mãe falou da colheita, o pai sobre um programa de bolsas da cooperativa cafeeira, e os assuntos seguiram nessa linha até o irmão contar que tinha cruzado com hútus carregando armas e granadas. A família de Immaculée era tútsi, etnia que esteve no poder durante o período colonial e foi substituída pela maioria hútu a partir da independência, nos anos 1960.

O irmão de Immaculée ouviu boatos sobre uma lista de execuções com o nome das famílias tútsis da área. Não era uma novidade em Ruanda: houve ataques étnicos esparsos nas três décadas de domínio hútu. As rádios do governo comparavam os tútsis a baratas. Uma canção nas escolas defendia que elas fossem

pisoteadas. Mesmo assim o pai rejeitou a proposta do irmão de Immaculée: arrumar um barco, atravessar o lago Kivu e escapar com a família para o Zaire ainda naquela noite.

Hoje Immaculée é escritora e percorre o mundo dando palestras. Recentemente ela esteve em São Paulo. Foi uma promoção da sua editora, houve um café com jornalistas na PUC, uma sessão de fotos e uma palestra sobre o que aconteceu depois do jantar em Mataba: ela ajudando a mãe a lavar louça, recolhendo-se ao quarto e rezando diante de um pequeno altar que montou com a imagem de Cristo e da Virgem Maria. De madrugada o irmão a acordou com a notícia de que o avião do presidente hútu havia sido derrubado. Immaculée pulou da cama, vestiu uma calça, ela nunca havia trocado de roupa na frente do irmão. Ao abrir a janela, viu o que pareceu um halo amarelado sobre o vilarejo.

10.

O pai e a mãe de Immaculée já estavam no pátio. A BBC leu os nomes dos primeiros mortos. Um deles era um tio que morava em Kigali. Houve um atentado à primeira-ministra. As linhas telefônicas foram cortadas, as estradas estavam bloqueadas, e assim que houve uma chance o pai mandou Immaculée para a casa de um pastor hútu que concordou em escondê-la.

A morte do presidente desencadeou uma guerra civil que em três meses matou oitocentos mil tútsis, quase vinte por cento da população de Ruanda, a maioria a facção por hútus que tinham sido seus vizinhos, professores e colegas de trabalho. Estrangeiros fugiram do país nos primeiros dias. A ONU retirou suas forças de segu-

rança logo depois. Houve estupros em massa, decapitações, corpos apodreceram a céu aberto antes de serem comidos por animais.

Immaculée passou esses noventa dias num banheiro com pouco mais de um metro quadrado, sem pia, na companhia de outras sete mulheres. A mais velha tinha cinquenta e cinco anos. A mais nova, sete. Qualquer ruído poderia denunciá-las, a comunicação era feita por sinais, a descarga só podia ser dada quando alguém fizesse o mesmo num banheiro ao lado. O pastor, cujo filho odiava tútsis, aparecia uma vez a cada dois dias com sobras de comida e restos apanhados do lixo. Immaculée entrou no banheiro com cinquenta e dois quilos e saiu com vinte e nove. Toda a sua família, com exceção de um irmão que estudava no Senegal, foi assassinada nesse intervalo.

11.

A guerra em Ruanda iniciou um dia depois da data oficial da morte de Kurt Cobain. Nessa época eu morava em Londres. Meu trabalho era fazer sanduíches numa lanchonete: eu enchia uma cesta com eles, completava com refrigerantes e salgados, bolos e chocolates, para vender nos escritórios de Covent Garden. Eu não via tv, não comprava jornais, metade das revistas nas bancas era escrita em alfabeto árabe ou estava dentro de sacos plásticos. O dinheiro que sobrava do aluguel, transporte, comida e demais despesas eu gastava em publicações sobre música.

De Ruanda eu fiquei sabendo dias, talvez semanas depois, e mesmo assim superficialmente, enquanto de Kurt Cobain eu li tudo: repórteres, editores, músicos, críticos e fãs em ensaios, depoimentos, entrevistas, perfis. Todo mundo tinha algo a dizer so-

bre o início em Seattle, a estreia com *Bleach* e como *Nevermind* abriu espaço nas FMs para uma estética que representava a chegada tardia do punk ao mainstream. Todo mundo tinha algo a dizer sobre a cena independente, as gravadoras, as rádios universitárias, o clipe de *Smells like teen spirit* que mudou a MTV. Todo mundo tinha um veredito sobre Kurt Cobain, uma tese sobre como ele incorporou o espírito de uma época esmagada pelo fim das utopias, sobre como uma geração pouco educada devolve a raiva ao emergir no fim dos anos Reagan, sobre o que era ser jovem numa América tomada por corporações, individualismo e falta de perspectivas, e como isso estava ligado à via-crúcis pessoal do cantor — sua ojeriza à fama e ao dinheiro, sua relação conturbada com Courtney Love, os boatos sobre divórcio e o fim iminente da banda, a heroína e o isolamento que culminou no fim daquele que definiria a si próprio como *triste, pequeno, sensível, pisciano homem de Jesus*.

12.

Eu quase não ouvi Nirvana em Londres, com exceção de trechos de músicas que começaram a tocar na rádio e nas lojas de discos um minuto depois que anunciaram a morte de Kurt Cobain. A notícia foi dada em primeira mão por uma emissora de Seattle, informada por um amigo do eletricitista que achou o corpo e disse ter o *furo do século*. Um DJ entrevistado afirmou que o cantor *morreu como um covarde*. Nos dias seguintes ao enterro houve suicídios relacionados em Seattle, na Austrália e na Turquia. A Remington calibre .20 que deu o disparo final foi doada à associação Mães Contra a Violência nos Estados Unidos.

Eu li essas matérias até onde consegui, e depois de uma ou duas semanas decidi não saber mais nada a respeito. Nenhum dos colegas da lanchonete fez mais que lamentar o ocorrido. Nenhum comentou o bilhete de despedida. Nenhum falou do enterro ou mencionou Courtney Love e Frances Bean, que estava então com um ano e sete meses. Londres em abril já tem os dias um pouco mais longos, os esquilos somem, o frio deixa de doer nas mãos e no ouvido, aos domingos dá para ir a Camden e passar a manhã na feira. Há discos e roupas usadas. Um pub tem o chão de serragem. Dá para caminhar no sol fraco até o Regent's Park, e depois do almoço é quase abstrato pensar numa operação prática de morte, a compra da arma, a escolha da peça da casa onde será dado o tiro, um tipo de cansaço que nada tinha a ver comigo descansando num banco de madeira e as pernas ocas antes de tomar água de uma torneira pública e voltar entre árvores e crianças inglesas de patins.

Meu primeiro impulso foi pensar que os motivos de Kurt Cobain pudessem ser mais prosaicos que tudo o que se escreveu. Que talvez fosse a dor de estômago, algo que o acompanhava desde sempre e ele definiu como o ato constante de engolir um cachorro vivo. Não só porque essa dor o fez usar opiáceos e acabar experimentando heroína, e uma coisa como que levou à outra, um médico que tinha fotos com os Rolling Stones no consultório, uma ida ao pronto-socorro por causa de um fiapo de algodão na seringa, as clínicas, o Valium, a metadona, as turnês arruinadas e a polícia e a overdose proposital em Roma um mês antes do tiro, com as pressões da imprensa o fazendo se sentir mais acuado em seu esgotamento, mas porque a morte de alguém que foi tão importante na sua vida precisa de uma explicação menos gratuita.

Cheguei a Londres em janeiro de 1994, uma espécie de período sabático depois dos eventos de 1993. Até o fim do CPOR um aluno tira cerca de trinta serviços de guarda, noventa turnos de duas horas, cada minuto em que se pensa no que foi e poderia ter sido aquele ano, mas para mim o que ficaria marcado seria o primeiro: a conversa no banco da guarita, Diogo falando dos carros e dos postes onde um vizinho subia para roubar fio de cobre e uma vez ele tomou um ataque e pagou o policial com um cheque sem fundo. Ele disse que sabia lutar com chaco e estilete, que deu uma garrafada num bicuira que quase perdeu o olho, um fim de semana em que se escondeu na rodoviária de Tramandaí para não ser morto pela Gangue do Tiro na Cara, e como só eu ria das histórias foi para mim que ele perguntou sobre maconha.

Corria a história de um soldado de 1989 que tinha sido pego mexendo na carteira de outro. Ele passou trinta dias dormindo no alojamento, e todas as manhãs era acordado às cinco, e às seis estava correndo, e às nove já tinha escalado o pórtico e feito uma série de duzentos e cinquenta *de pé um dois*, até que um dia ele não aguentou e apontou o fuzil para um cabo e de trinta dias a pena passou para dois anos numa canetada. Não sei se a história é verdadeira, se há flexibilidade nas sindicâncias de cada quartel e se faz diferença o CPOR ser uma instituição de ensino e teoricamente mais branda. O que sei é o que aconteceu comigo: o sargento gordo resolveu dar uma volta, passou pela rampa e pela trilha que dá na *carrière*, dois postes iluminando o pátio, as garagens e as baias, então virou à esquerda e retornou pela Engenharia e ouviu um barulho quando chegou perto da Intendência.

Um serviço são vinte e quatro horas em que você não toma banho, e lá fora a faculdade está trancada, e os paisanos riem de

você, e todas as manhãs dá para sentir o hálito do tenente Pires conferindo sua barba com papel-manteiga, então há noites em que você percebe que no fundo não tem muito a perder. Numa noite dessas é natural aproveitar o intervalo entre a janta e a formatura do pernoite, o quartel deserto, antes das primeiras duas horas no escuro do paiol, para fumar um baseado com Diogo no beco do lado do vestiário: o bolso de uma mochila, o saco plástico e a seda, um isqueiro e um ponto vermelho e um pega de capim seco no silêncio que dura até ser interrompido por uma voz — *que cheiro é este, aluno?*

14.

Eu saí do beco um minuto antes do flagrante, talvez menos que isso, trinta segundos ou o suficiente para que não fosse visto. Eu só posso imaginar como foi pelo que o próprio Diogo contou, nós já agrupados para o pernoite, ele fingindo que não estava preocupado e falando baixo como se fizesse diferença: o sargento gordo aparecendo de supetão e ele dando um pulo e se engasgando com a fumaça ou de nervoso antes de conseguir dizer qualquer coisa.

As punições no quartel começam com uma nota no livro do oficial de dia. A alteração é informada ao tenente e publicada no Boletim Interno. Uma sindicância é aberta obedecendo ao rito normal ou sumário, uma sentença proferida depois da defesa ou de forma preventiva, na sexta-feira mesmo, onze horas e Diogo seria convocado à sala do tenente Pires para ouvir a versão oficial das palavras que o sargento disse na preleção de quinta, olhando para ele durante as recomendações do pernoite: aluno burro acaba aprendendo a *sanha* atrás das grades.

Eu hoje moro em São Paulo, e todo mundo da minha idade afirma que viu o Nirvana no Hollywood Rock, e lembra do que bebeu antes de entrar no estádio, em que ponto ficou na pista e a ordem das músicas e o que Kurt Cobain disse e fez em cada um dos intervalos, mesmo que na época a banda estivesse relativamente em baixa depois de brigas, shows cancelados, rumores sobre hospitais e programas de desintoxicação. Uma reportagem sobre Courtney Love dava a entender que ela usou heroína durante a gravidez. Kurt Cobain pensou em contratar alguém para matar a repórter. Alguns artigos diziam que o Nirvana tinha acabado em termos artísticos, o naufrágio tão comum sob os holofotes da indústria, o preço por gravar um disco de estreia independente e em seguida ultrapassar Michael Jackson na parada da Billboard, mas não era só por isso que na quinta-feira eu não sabia ainda se usava ou vendia meu ingresso.

A decisão de ir ou não a São Paulo começava pelo que Diogo iria fazer comigo. Se ele me entregasse, talvez eu fosse preso ainda na sexta. Eu poderia ser convocado para me apresentar no pernoite seguinte ou ser impedido de sair já no fim do expediente da manhã. Alguém ligaria para a minha casa. Minha mãe traria uma mochila com roupas para trinta dias. Um período em que eu dormiria numa cela, ou talvez no alojamento, e no máximo receberia visitas aos domingos, e eu tinha certeza de que Valéria não estaria entre elas.

15.

Ou então o cenário é outro. Uma cidade que não é a sua, mas parece tão familiar. Uma rua de calçadas largas. Um homem

dançando sozinho. Um homem anunciando o fim do mundo. Você caminha até a entrada do prédio, há uma senhora na fila, a moça do caixa. Umas moedas de troco e o selo com o rosto de uma princesa de cento e quinze anos atrás. A correspondência que viaja pelo espaço e pelo tempo. Rumo a um endereço que você também conhece. E você sabe o que acontecerá quando a encomenda chegar ao destino.

16.

Fui o último a sair do avião na chegada a Londres. A cidade estava quase escura às três e meia da tarde, e a primeira visão do trem ao deixar o aeroporto foi a dos subúrbios, casas e casas iguais até a linha do horizonte. Eu havia me matriculado num curso de inglês para tentar ganhar um visto de estudante. Desisti na segunda semana e comecei a procurar emprego. Havia um agenciador num restaurante brasileiro de Notting Hill. Arrumei um bico como entregador de panfletos em Bethnal Green. Cada dia eu ia para um bairro, eram anúncios de tapetes, encanadores, lavagem a seco, e até arrumar o trabalho na lanchonete eu também cobria as folgas de um polonês numa batataria. Também fazia a faxina de uma casa de três andares em Islington, cinco libras mais um passe de ônibus e um prato de chili.

Passei meses vestindo o mesmo casaco, a mesma calça e as mesmas botas. Dividia um quarto de pensão com um espanhol. Usávamos o mesmo cartão de metrô porque ele trabalhava de madrugada e eu de dia: acordava por volta das seis, eram cerca de quarenta minutos para chegar à lanchonete. Queensway, baldeação em Holborn e um ponto até Covent Garden: eu abria a loja,

tomava chá, preparava os sanduíches, dezenas deles e a medida exata dos recheios, bacon e abacate, frango com milho doce, camarão com ovo picado, depois atendia os clientes do café e saía com a cesta para vender nos escritórios. Eu trabalhava em torno de doze horas por dia. Ganhava três libras por hora, o que era o preço de um bagel com salmão e uma Sprite. O aluguel semanal era sessenta. Um ingresso de cinema, dependendo do lugar e do horário, custava quatro, seis ou oito.

17.

O dono da lanchonete devia para os fornecedores, para o dono do imóvel, para os funcionários. Meu crédito nunca baixava de duzentas libras. Eu anotava os pagamentos numa agenda, assim como números de telefone e comentários sobre a lanchonete, era uma espécie de diário que hoje me permite saber exatamente o que fiz no dia da morte de Kurt Cobain. Também o que fiz nas semanas seguintes. Também o que fiz no resto do tempo que passei na cidade: gírias que usei meia dúzia de vezes, lugares aonde fui meia dúzia de vezes, pessoas com quem falei meia dúzia de vezes e cujo nome eu esqueceria logo depois.

Na agenda eu não escrevi nada sobre o Brasil. Não havia internet, as ligações telefônicas eram caras, passei meses sem ler um jornal ou revista em português. Às vezes ligava a cobrar para os meus pais, mandei uma primeira e última carta logo ao chegar e fui duas ou três vezes ao restaurante do agenciador de empregos para comer feijão, couve e ambrosia. Nunca passei tanto tempo sozinho. Não havia ninguém que soubesse nada sobre mim em Londres. Era inevitável pensar que poderia mudar de endereço e de emprego e